



Violeta Siddiqui

# YOUTHANASIA

Inspirado pelo álbum homônimo de MEGADETH



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

**Danilo Corci**  
organizador

**mojo**  
BOOKS

---

**YOUTHANASIA**  
VIOLETA SIDDIQUI

uma história inspirada por  
**YOUTHANASIA**  
MEGADETH

---

SÃO PAULO, ABRIL DE 2009  
1ª Edição

COPYRIGHT © 2009 BY VIOLETA SIDDIQUI  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – [WWW.MOJOBOKS.COM.BR](http://WWW.MOJOBOKS.COM.BR)

---

# YOUTHANASIA

## VIOLETA SIDDIQUI

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E LUIZ GUILHERME COUTO PEREIRA**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **DANILO CORCI**

CAPA: **MOJO FACTORY**

---



## PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Reckoning day
2. Train of consequences
3. Addicted to chaos
4. A tout le monde
5. Elysian fields
6. The killing road
7. Blood of heroes
8. Family tree
9. Youthanasia
10. I thought i knew it all
11. Black curtains
12. Victory

---

## YOUTHANASIA MEGADETH

LANÇAMENTO: **1994**  
SELO: **CAPITOL**

---



# **YOUTHANASIA**

VIOLETA SIDDIQUI

# I.

A moto voa alucinadamente devorando quilômetros intermináveis do solo ressequido. Ouço o rugir possante do motor e dou um rosnado de satisfação. Somos apenas ela e eu, como uma coisa só, um organismo completo. Carcaças de metal e concreto das cidades de outrora nos espreitam, como espectros famintos através das nuvens de poeira. Tenho de estar atento e desviar delas o tempo todo, mas nenhum obstáculo é páreo para mim. Mando muito bem nas manobras.

Um pensamento mordaz atravessa o cérebro e um sorriso insano se apossa de mim. Esses esqueletos de ferro atestam toda a usura, a capacidade de destruição, a bestialidade da maldita raça humana. Rá, rá, rá, que apodreçam no quinto dos infernos! Quanto a mim... bem, eu já estou lá. Sim, o inferno de um planeta agonizante que dá seus últimos espasmos e vomita chuva ácida a cada período de vinte e quatro horas. Sinto uma satisfação malévola pelo fato de estar aqui e testemunhar o efeito de todas as fraquezas humanas, todas reunidas para pintar o mais soberbo quadro de caos e destruição que já se viu.

E alguns sobreviventes ainda acham que há salvação, que pode haver uma segunda chance, um recomeço. O tal do projeto espacial *Rebirth III*. Rio de suas tentativas desesperadas de sobreviver ao grande fim. Quem eles pensam que são? O que os faz pensar que são especiais e merecem dar continuidade à existência do *Homo ignobilis* espaço afora? Patético. Então eles acreditam

que conseguirão alguma forma de garantir a convivência pacífica e harmônica de nossa espécie, uma vida de amor, amizade e artes. Prepotentes. Quantos já não tentaram a façanha de controlar nossos vis instintos, a agressividade, a sede irrefreável de guerrear por territórios e bens materiais? Repressão, comprimidos, terapia e continuamos os mesmo animais selvagens de sempre. Talvez estejamos de fato condenados à destruição. Seja como for, um desses instintos tem me mantido bem vivo e desperto até agora: a raiva.

## II.

Encontrei uma linha de trem. A terra começa a tremer num ritmo monstruoso, sinto um arrepio ao ser envolvido pelo vendaval quente e seco da respiração do mastodonte metálico que se aproxima. Ele se acerca cada vez mais e finalmente me alcança, mas decidi comprar a briga e corro lado a lado com ele. Acelero... acelero... mais... e mais... tenho de manter o controle da moto, que começa a tentar escapar da linha reta que sigo. Tenho de me contrair, apertar o guidão com força máxima, mostrar pra esse escrotos, que trabalham pra quem não deveriam, que tenho colhões! Acelera... acelera, pô! Se pensam que vão me deixar comendo poeira, eles que me aguardem. Não sabem com quem estão lidando, nunca serei como eles, nunca serei um deles. E o único propósito que vejo pra mim é impedi-los de ir contaminar outros planetas, infectar o universo. Vou pegá-los, vou tomar o controle dessa máquina infernal! Mas acelera essa moto... vai! Ela está quente e vibra cada vez mais, mas eu consigo, sei que consigo segurar a onda, tô no controle aqui, conheço bem a minha máquina, minha bela. Só tenho de acelerar um pouco mais pra alcançar a cabine do condutor. A moto está fervendo, já está no limite. A roda da frente parece que vai sair do eixo e começa a cuspir fagulhas. Só mais um pouco, vai!

Acelera...

Corre...

Voa...

### III.

O estômago como um nó e o suor frio começa rapidamente a cobrir meu corpo com um manto viscoso, deixando a roupa gelada. Alguma coisa aconteceu, tudo está girando, estou voando mesmo, e não sei onde está a moto. Parece que estou preso no tempo e não paro de cair... Súbito, um baque forte e contínuo caindo e girando, mas agora num plano inclinado coberto de pedras pontiagudas que furam a pele sem nenhuma sutileza. Minha boca... meus olhos... aaargh... areia seca. Sigo girando e tudo fica escuro neste turbilhão caótico que me engoliu e do qual não sei se terei forças para sair.

## IV.

Vejo imagens, rostos e lugares. Onde estarão vocês? Saberão algum dia que morri? Saberão a falta que me fizeram? E todas as noites de solidão que me dilaceraram sem que nenhum pensamento reconfortante pudesse vir me fazer companhia e me aquecer? Solidão irremediável, sombra que nos espreita desde que damos nosso primeiro berro no mundo até o momento fatídico em que soltamos o último suspiro inaudível para o nada que nos absorverá.

## V.

A dor alerta que ainda não foi desta vez que morri. A tosse seca desperta meu corpo com seus espasmos desesperados. Quanto tempo fiquei jogado aqui? Tenho de me levantar, tenho de lutar contra a inércia que faz com que esta droga de chão pedregoso pareça o único lugar onde quero estar. Mas também, tudo é dor! Levanta... levanta... levanta agora! Bom... Cambaleando, mas foi. Ah, muita gente gostaria que eu estivesse morto, mas arruinei sua pretensa paz. Vamos ver se está tudo inteiro, tira essa droga de roupa. Tudo bem. Só alguns cortes e pronto, aqui estou eu, bem vivo e peladão, agüentem isso! Então acharam que tinham se livrado de mim, hein? Ah, isso merece que eu suba nesta porcaria de pedregulho, encha os pulmões e os saúde: RÁ, RÁ, RÁÁÁ! Comemorem, festejem enquanto ainda têm tempo, sonhem com a grande redenção da humanidade até que alguém apareça para pedir as contas de suas vidas! A gargalhada maldita ecoa eternizada pelos paredões de metal que se erguem do vale e soa como música para meus ouvidos.

## VI.

Foi só voltar a mim que ouvi barulho de trem mais uma vez. Saí correndo sem roupa nem nada, que cena. Ok, ok, agora estou tranqüilo e numa boa no compartimento de carga. Nem sei de onde tirei forças pra correr e subir no trem em movimento, mesmo com ele indo bem mais lento que o primeiro. Parece que aquele ritual de nudez, berros e eco injetou um ânimo vigoroso nas veias. Agora vou maquinando o que deve acontecer nas próximas horas. Apesar das dores no corpo, a mente está lúcida como um predador faminto. Preciso de um uniforme para entrar no complexo do projeto *Rebirth III*. Vou dominar um paga-pau desses aí que vem vindo checar a carga. Ah, se ferrou, se assustou quando viu o peladão aqui. Imobilizei-o e ele agora está quietinho. Também, com a bola que fiz com sua própria meia suja enfiada na boca nem sei como ainda se mantém consciente. Encontrar-me novamente vestido é a deixa para voltar à razão.

## VII.

Tive de cortar um pedaço pequeno do polegar do infeliz, o suficiente para servir de identificação. Não há inocentes aqui, todo mundo sabe o que está fazendo e pra quem está trabalhando. Todos os técnicos e engenheiros envolvidos têm um acordo para se darem muito bem entrando nesse seleto grupo espacial daqueles que deixarão a Terra enquanto os mortais restantes agonizam sem qualquer esperança. Eles e a maldita Arca de Noé deles. Isso justifica a fortaleza que é a área do complexo. Tudo está controlado para que nenhum humano mais desesperado, cujo nome não esteja na lista dos afortunados, coloque tudo a perder. Mas se depender de mim, eles vão perder sim, e muito. Uma sabotagem da boa os espera! À medida que o trem diminui o percurso talvez esteja reduzindo também o tempo que me resta a viver. Deve ser quase impossível sair de lá com vida, mas o plano ainda parece ser o mais razoável a se fazer. A Humanidade já provou que não merece uma segunda chance, basta olhar a nossa história. Se puder fazer algo para impedir que este câncer se espalhe pelo universo, mando ver. Ainda que eu tenha o mesmo fim. Não consigo aceitar outros planetas sendo exauridos da mesma forma. Apenas tenho de me manter de pé por tempo suficiente. Olho pela porta escancarada. O dia vai murchando pouco a pouco.

## VIII.

Escureceu. Estamos chegando ao destino. Checando para ver se está tudo bem: uniforme OK, pele do polegar no lugar, ferramentas OK, apenas uma chave de fenda, uma chave inglesa e lanterna, com certeza vão servir pra alguma coisa. Já dá pra ver a estrutura do complexo, negro e colossal, emergindo da muralha fortificada que o protege de rebelados como eu. Será que os ca...? Ah, deixa pra depois. A velocidade diminuiu, hora do desembarque. Não foi tão difícil me misturar com os outros uniformizados, e a identidade serviu como uma luva. À medida que avanço, vou forçando a memória. A lembrança não gera nada além de certo conforto. Que saudades eu poderia sentir desse lugar cruel e controlado, ninho de um bando de hipócritas? Ouvi uma voz conhecida ditando ordens em tom ríspido e senti um ligeiro tremor. Voltei-me à central de comunicação de onde parecia estar sendo emitida. Entrei e deparei-me com aquele rosto de expressão dura e impassível, tal qual sempre me recordava dele. Pai! Ele não demonstrou a menor emoção e dirigiu imediatamente sua mão ao painel de segurança. Impedi que chamasse os guardas golpeando-lhe a cabeça com a chave inglesa que trazia no bolso do uniforme. Traidor! Prometera à minha mãe usar seus conhecimentos para fazer desandar o projeto, e agora era um fiel seguidor dele. A morte dela serviu para convencê-lo a aderir à causa, e quando me rebelei fui dedurado e condenado a servir como cobaia. Consegui escapar com a ajuda dos cabeludos, outros filhos rebelados. Vivem

livres, perambulando pelos desertos sem fim, pelas cavernas abandonadas, originalmente abrigos subterrâneos, tomados por insetos e outras criaturas. Mas um dia foram surpreendidos por uma cilada, da qual escapei nem sei como. Os cabeludos, entretanto, foram levados. Nunca mais ouvi deles. Mas tudo isso neste momento é informação demais. Havia desenterrado essas lembranças do mais escuro canto de minha alma, e agora elas jorravam de uma só vez deixando-me nauseado. Maldição!

## IX.

Distraído pelos pensamentos raivosos, entrei num dos laboratórios da parte mais antiga do complexo. A tensão distanciou-me dos devaneios. Estava consciente das coisas abjetas que poderia encontrar ali. Ouvira falar nas experiências com humanos, com os considerados inaptos. O lugar parecia abandonado; em vez da habitual luz branca, apenas uma tênue luz avermelhada deixava entrever as paredes transparentes das salas de experiência e da aparelhagem. Os corredores se sucediam e eu me sentia estranhamente impelido a desvendar suas aberrações. Entre cabos e tubos de água turva distinguiam-se partes de corpos de bebês e jovens. Comecei a cambalear. Cada metro avançado parecia debilitar-me. A cada corredor ia me sentindo mais e mais trôpego. Cada nova sala era uma parte de mim que morria. E pensar que eu era descendente de um dos desgraçados que haviam concebido tudo aquilo... Ainda assim, nada poderia ter me preparado para suportar a visão dos cabeludos envoltos num gel apodrecido e cercados por sondas. Até o momento tinha mantido as esperanças... Tínhamos prometido estar juntos para a grande sabotagem. Não era justo, por que somente eu estava aqui? Tentei correr pra longe dali, queria afastar aquela imagem o mais que pudesse do meu campo de visão, mas o ar denso começou a sufocar-me. Não... agora não! Tentei apoiar-me nas paredes, mas foi em vão. Num segundo perdi os sentidos e fui engolido pela escuridão espessa.

## X.

Onde... que... que lugar é este? Peraí, este cara é... pai! Estou de volta à central de comunicação, o lugar onde tive o primeiro encontro infeliz com ele. Meu pai sorri com sarcasmo e diz que não vale mais a pena continuar lutando, que precisa me contar algo importante que eu já deveria saber faz tempo. Seu sorriso de lobo em pele de cordeiro me tira do sério. Que vontade de tacar a mão naquela cara. Algo me diz que não vou ouvir nada parecido com um conto de fadas. Na verdade, um tiro no estômago não é nada comparado ao que ele me conta a seguir. O velho só pode estar de sacanagem. Só sei que em certa altura mandei-o calar a boca e tive ânsia de vômito. Minha cabeça girava enquanto eu fazia um esforço violento para clarear as idéias e processar a informação. De acordo com ele, aquele grupo de humanos desprezíveis já havia partido, fugido para o planeta habitável onde planejaram recomeçar tudo, e nós, os verdadeiros nós, erámos eles. Nós na Terra éramos todos clones dos humanos que já se haviam ido. Simples assim. Éramos as cópias que deveriam reportar aos originais os dados da agonia final do planeta árido que um dia fora azul. Uma cópia, sou apenas uma cópia! E eu que pensei que sabia tudo...

## XI.

O que resta para um clone impotente que desperta do longo sonho de ser humano? Penso nisso um bocado e não vejo por que as coisas devessem mudar. Passado o choque inicial, aqui estou consciente, e na minha cabeça continuo eu mesmo, ainda sabendo que não passo da cópia de alguém. Além disso, soube que os humanos ainda não chegaram no planeta escolhido. Os clones ainda podem ter o controle do trajeto, uma vez que foram deixados na Terra com o único propósito de monitorar o curso da nave. Cumprida a missão, resta-lhes permanecer neste planeta com os humanos abandonados do lado de fora da fortaleza até que tudo acabe, até que as tempestades de poeira cada vez mais densas sejam tudo o que se move sobre ele. Vou adaptar o plano, cortar qualquer comunicação com a nave para que eles fiquem perdidos no espaço e aquele pequeno planeta será salvo da praga humana. O problema é que o raio do velho, meu pai, quer dizer, o clone do meu pai, me prendeu aqui. Ainda tenho uma chave de fenda no bolso que pode servir, mas vai dar um trabalho... Enquanto me empenho em ficar livre, fico remoendo o que descobri sobre mim. O que me diferenciaria do meu original? Não sei. Qual é a dos humanos, afinal? Nunca conseguiram viver sem escravos? Pô, os fatos mostram que primeiro eram animais, depois outros humanos, até crianças, então finalmente clones. Mas eles nunca dizem abertamente que alguém está na situação de escravo, utilizam sempre outros termos, “ajudando a desenvolver”, “construindo um

futuro”, “contribuindo com a sociedade”, “colaborando para o progresso”, blablablá, como se tivéssemos de agradecer à bendita sociedade... O que é que eu tenho a agradecer à sociedade? Quer saber, podem ir todos pro inferno, essa será minha contribuição para a sociedade! Epa, alguém enfiou um pano preto na minha cabeça, o que é isso!? Ei, quem é você? Porque está me soltando? Quando arranco a venda, o sujeito já sumiu como fumaça. Nenhum vestígio dele. Será uma emboscada? Bah, o que importa é que estou livre. LIVRE! Livre das algemas e das mentiras. Estranhamente não percebo nenhuma sentinela perto da sala, como se algo os tivesse atraído. Será que tem algo a ver com o sujeito que me libertou? Caminho livre, agora é que eu quero ver! Sinto um furor crescente e uma espécie de corrente elétrica fluindo pelas veias, tornando os músculos tensionados e maciços como metal. Metal pesado. Corro desembestado pelo caminho que mal lembro ser o certo. Vou meio pelo instinto, farejando o perigo. Preparado para qualquer enfrentamento. Túneis, luzes, portas. Eu não perco o rastro daquilo que está fadado à destruição. Mais uma vez o suor frio é minha única companhia. Vou conseguir, vou acabar com isso de uma só vez. Corre, corre, já estou ouvindo um tropel de passos e gritos. Ah, mas nada vai impedir que o destino catastrófico nos envolva e caia pesadamente sobre nós, como uma cortina negra.

## XII.

No momento exato em que as sentinelas começam a aparecer de todos os lados algo acontece comigo, sinto que me transmutei numa criatura desembestada com no mínimo, o dobro de minha força normal. Um animal furioso que urra, range os dentes, morde, soca, crava as garras sujas em tudo o que se move à frente. Podem vir, malditos, mas eu vou chegar primeiro! Ali! A central de controle de energia! Corre, desgraçado, vai! Agora aperta tudo que for botão, gira tudo que for alavanca ao contrário, aproveita o momento de fúria iconoclasta! Algumas mãos me seguram, mas pulo que nem um doido varrido pra cima de todo mundo e continuo criando o caos. Alguma coisa está acontecendo lá fora, dá pra ouvir um barulhão de vários transportadores sendo ativados e vozes que gritam, xingando as sentinelas. Há uma voz mais fina que xinga mais que todos. Titubeantes, elas se imobilizam por um instante e aproveito sua hesitação para meter a mão no painel certo. Um alarme ensurdecedor é ativado. Consegui! Sobrecarreguei os sistemas e os zumbidos indicam que vai rolar um curto geral. Melhor manter a velocidade e vazar pra longe. Se dará tempo de escapar, nem sei, mas isso importa agora? Consegui, não há mais como reverter o processo. Vai, vai! Nem dá tempo de olhar pra trás, mas sinto que deixaram de me perseguir e estão correndo também. “Vitória!” “Livres!” — gritei enquanto tive fôlego. O zumbido cada vez mais alto. Tudo está ficando cheio de fumaça. As paredes ameaçam ruir e partes do teto começam

a desabar com estrondo. Ei, tem uma garagem de transportadores por aqui... Onde é que era mesmo? Não dá pra enxergar direito... Ah, ali! Ouço a primeira explosão. O ar fica quase opaco e um odor de metal superaquecido começa a ser exalado. Saio pulando sobre um monte de coisas esparramadas, será que são corpos? Viro a cabeça pra olhar e um transportador que vinha em minha direção me joga violentamente contra o chão. Atordoado, levo um tempo pra tentar levantar-me, e antes de consegui-lo, uma segunda explosão estremece o ar. Mais estruturas em colapso ao redor. Ferrou! Agora parece ser um bom momento pra rir, afinal, um ser que conseguiu realizar uma boa sabotagem ser encontrado assim, numa pose absurda, pernas para um lado, braços pra outro, e... ah, não!... o uniforme rasgado bem no traseiro! AAA...RÁ... RÁ! De repente, uma voz fina grita “Ei, VOCÊ! Resistiu até aqui e agora vai acabar largado no chão nessa pose linda?” Antes que eu consiga distinguir a identidade do vulto em meio à fumaça, ele se aproxima num segundo, me puxa para a garupa de seu transportador e sai a jato. Terceira explosão. Só consigo distinguir o cabelão e a voz feminina que ri e diz: “Vitória! Vitória, cara!”. Sorrio e encosto a cabeça exausta em suas costas macias. Não me importo mais com o que eu seja ou com o que ela é, somos ambos cabeludos revoltados. Ainda está escuro, logo o cenário de destruição se distancia e estou no deserto mais uma vez.



**mojo**  
BOOKS

[www.mojobooks.com.br](http://www.mojobooks.com.br)